

Littera Online

Número 06 - 2013

Departamento de Letras | Universidade Federal do Maranhão

O LUGAR DO SUJEITO NA PRODUÇÃO DE IDENTIDADES QUILOMBOLAS¹

Claudemir SOUSA²

Ilza Galvão CUTRIM³

RESUMO: Ao falar sobre formações discursivas, Michel Foucault (1986) apresenta alguns elementos que estão na base de sua constituição: a formação dos objetos, o lugar do sujeito e o lugar institucional ocupado pelo sujeito de fala. Neste trabalho, discutimos o lugar do sujeito lexicógrafo e o lugar institucional que ele ocupa – a ciência Linguística – na produção do conceito de quilombo e quilombola, enquanto objeto de discurso, e os efeitos de sentido resultantes, na contemporaneidade, na construção de uma identidade quilombola.

Palavras-chave: discurso, sujeito, identidade.

1 INTRODUÇÃO

A identidade é apontada por Hall (2006) como um processo sempre em curso. Os processos de identificação dos sujeitos na pós-modernidade levam-nos a questionamentos do tipo: quem somos em um dado momento, considerando que há uma flexibilidade na representação que fazemos de nós e dos outros? Perguntar pela identidade é um ato de carência, de subordinação, já que toda identidade é definida em relação a outras, existindo quase sempre um antagonismo entre sujeitos ou grupos de sujeitos que clamam por identidades.

Ao tentar mapear as mudanças conceituais através das quais o sujeito cartesiano foi sendo deslocado, Hall (2006) descreve cinco descentramentos: o marxismo reinterpretado nos anos 60, que possibilitou pensar os indivíduos como autores pouco conscientes da história; a descoberta do inconsciente por Freud e sua releitura por

¹ Este artigo é uma versão resumida da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC-UFMA) intitulada Discurso, história e memória: a constituição de identidades quilombolas em Jamary dos Pretos – Turiaçu/Maranhão.

² Graduado em Letras Inglês pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: claudemir201089@hotmail.com

³ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professora do Departamento de Letras da UFMA. E-mail: ilzagal@uol.com.br

Lacan, que discorda da concepção de sujeito racional; as concepções de língua de Saussure, que a via como algo social e que preexiste a nós, mobilizada pelo sujeito mas que já apresenta uma anterioridade; as concepções de Foucault para o poder disciplinar, que possibilitaram traçar uma genealogia do sujeito moderno em um mundo de vigilância e, por fim, o impacto do feminismo.

Este último movimento, segundo o autor, se insere em um grupo de novos movimentos sociais que emergiram nos anos 60, entre os quais as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos movimentos civis, os movimentos revolucionários do Terceiro Mundo, os movimentos sociais, e demais movimentos associados aos anos de 1968, que inauguraram a modernidade tardia. Esses movimentos se inseriam em uma luta política que se opunha ao liberalismo capitalista e à política estalinista. Também focavam na dimensão subjetiva da política e da cultura. Todos eles lutavam por suas identidades e não apenas por questões econômicas, de classe.

Bauman (2005) esclarece que o problema da provisoriidade da identidade não foi gestado pelo feminismo; ele existe há muito tempo e acompanha a modernidade desde o início. O problema da nossa pós-modernidade é a exclusão, que provoca uma polarização social. As lutas de classe são agora enfraquecidas e se fragmentam em vários movimentos sociais, que irão se firmar por meio de uma política de identidades: o feminismo apela às mulheres, os movimentos de lutas raciais aos negros, e assim por diante. Assim, irrompem movimentos que lutam por um lugar na sociedade, como os quilombolas.

A luta dos quilombolas sempre instigou o imaginário político nacional. As discussões sobre essas comunidades ganharam efervescência nos anos 1980, com o fim da ditadura militar, momento em que o movimento negro pôde expor conflitos territoriais até então sufocados. Também favoreceu as discussões a proximidade da comemoração do centenário da abolição da escravidão, em 1988. A militância passou a expor suas ideias de que a liberdade foi conquistada, e não dada, e de que a situação do negro no Brasil não mudou, contestando o 13 de maio de 1888 – historicamente lembrado como a data em que foi sancionada a Lei Áurea – e clamando pela celebração do dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra em referência à luta de Zumbi pelo Quilombo de Palmares.

O objeto de nossas discussões, no espaço deste artigo, é a análise da construção no/pelo discurso de identidades quilombolas, performadas por uma prática discursiva

institucionalizada no campo da ciência linguística. Nesse sentido, destacamos o lugar ocupado pelo sujeito lexicógrafo na produção dos significados dicionarizados do conceito de *quilombo* e *quilombola* e seus efeitos de sentido na contemporaneidade, a partir da análise dos dicionários Ferreira (2001), Cunha (2007), Houaiss e Vilar (2001).

Para a realização deste estudo, buscamos suporte nos estudos identitários de importantes teóricos contemporâneos, ancorando-nos na Análise do Discurso de linha francesa, considerando a relação do discurso com as condições históricas de sua produção, e levando em conta que há inúmeros mecanismos de poder controlando a forma de circulação do discurso. Partimos do princípio de que pelo discurso é possível identificar as posições-sujeito ocupadas pelo enunciador.

Para tanto, tomamos as contribuições do filósofo Michel Foucault, que fornece relevantes subsídios para esta discussão, tão necessária nesses tempos de fragmentação identitária, cujas causas já foram também pensadas por sociólogos como Stuart Hall, para quem todas as transformações históricas e sociais, entre as quais a modificação nas relações entre espaço/tempo são potencializadas pelo fenômeno chamado globalização (HALL, 2006).

2 SUJEITO E PRODUÇÃO DISCURSIVA NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

A uma concepção sistemática da língua, que vê a linguagem no nível da frase, opõe-se uma visão que concebe a língua não como simples transmissora de informações, mas que leva em conta o contexto social, histórico e ideológico em que um determinado enunciado foi produzido. Este ponto de vista coloca em destaque o discurso como objeto de estudo.

Essa nova forma de abordar a linguagem surge em meados da década de 1960, na França: a Análise do Discurso. A Análise do Discurso de linha francesa, ou AD francesa, enquanto campo de pesquisa multidisciplinar, tem sua inserção na linguística decorrente da articulação de outros campos do saber, como a sociologia, a filosofia, a história. Dada à multiplicidade de campos dos saberes com os quais dialoga, a AD, ao tornar-se global e não apenas francesa, oferecerá infinitas possibilidades para análises de discursos que circulam sob diversos meios, tendo sempre a língua como expressão material.

Mas é necessário destacar que discurso não é texto, não é fala, tampouco língua, apesar de necessitar de elementos linguísticos para que tenha existência material (FERNANDES, 2007). O discurso ocupa um espaço entre o linguístico e o sociohistórico, por isso é possível apreender os lugares ocupados pelo sujeito que enuncia em certa condição histórica e, sendo a linguagem a expressão material desses lugares, o discurso precisa do linguístico para ter existência. O discurso se expressa em unidades menores: o enunciado, que só tem valor discursivo se pensado em conjunto, produzido na dispersão de acontecimentos.

Em *Arqueologia do saber* (1986), ao falar sobre “A função enunciativa”, Foucault afirma que esta se relaciona a quatro características intrínsecas ao enunciado, a partir das quais se pode determinar a existência de um enunciado em uma dada materialidade. São elas: o referencial; a posição de sujeito; o domínio de memória ou campo associado; e a materialidade repetível.

Destacamos a característica do enunciado, que é sua relação com um *sujeito*, que pode assumir diversas posições num mesmo enunciado. A posição de sujeito é definida como um lugar determinado por “condições de individualização do sujeito”. Um único e mesmo indivíduo “pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 1986, p. 107).

O enunciado é concebido por Foucault (1986) como função enunciativa que define textos como acontecimentos discursivos produzidos por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam a emergência dos discursos na sociedade. Em seu trabalho do sujeito lexicógrafo, que fala de um lugar institucional que é o da ciência linguística, a partir de regras sociohistóricas, que discursos emergem sobre *quilombo* e *quilombola*?

Conforme ressalta Michel Foucault, o sujeito do enunciado é historicamente determinado. Esse sujeito sofre mudanças de um enunciado a outro e a função enunciativa pode ser exercida por diferentes sujeitos. Daí que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos – pai, professor, político, consumidor etc. O sujeito é aqui visto, portanto, como uma categoria móvel, fluida.

O sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo [...]. Trata-se de um ser sujeito não fundado em uma individualidade, em um eu individualizado e sem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento

histórico e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social (FERNANDES, 2004, p. 33).

Importa também dizer sobre o sujeito na AD que não se trata de um sujeito homogêneo, pois sua voz é constituída pela voz de outros sujeitos. O sociólogo Stuart Hall (2006), ao investigar a identidade dos sujeitos na modernidade tardia, ressalta que as velhas identidades, que por um longo período foram responsáveis pela estabilidade do mundo social, estão em declínio e estão promovendo uma fragmentação do indivíduo moderno, fazendo com que a ideia de unidade seja esquecida. À pergunta sobre o que estaria deslocando as identidades culturais nacionais no fim do século XX, ele responde: “um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’” (HALL, 2006, p. 67). O sociólogo nos mostra essa transformação histórica do sujeito a partir de três concepções: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

A noção de sujeito pós-moderno rompe com uma ideia de unificação e introduz um sujeito fragmentário. Nas palavras de Hall (2006, p. 12), “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

Levando em conta que o processo de interlocução entre sujeitos, inseridos em uma contingência histórica é uma produção de efeitos de sentidos e que estes são a forma de apreensão da realidade pelo sujeito, consideramos os discursos como categorias móveis já que eles não são fixos, pois estão sempre em movimento, sofrem transformações e acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana.

Tal qual o sujeito, a identidade não é fixa, está sempre em produção. Transformada continuamente, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e se caracteriza por mutações. O discurso, dispositivo de enunciação, é o principal veículo da produção de identidades (FOUCAULT, 2001).

Um estudo sobre o discurso exige que o deixemos aparecer na complexidade que lhe é peculiar. Nesse sentido, torna-se necessário vê-lo não somente como um conjunto de signos, que carrega este ou aquele significado repleto de intenções. Os discursos são feitos de signos, claro, “mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse *mais* que

é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 1986, p. 56). Esse *mais* faz do discurso uma prática que relaciona a língua com outra coisa – uma prática discursiva.

Como essa discussão proposta por Foucault se relaciona com os trabalhos no campo da Análise do Discurso que se situam na confluência do discurso com a história? A tarefa da Análise do Discurso é procurar na materialidade linguística, no conjunto de imagens, gestos, expressões, modos de circulação dos discursos, dentre outros, os efeitos de sentidos criados pelos sujeitos, considerando as condições históricas de produção que envolvem o discurso. Os fenômenos sociais têm existência na História, daí a necessidade de investigar os discursos a partir de um momento histórico social de produção. Essas condições sofreram transformações, as quais serão manifestas nas produções discursivas, lugares de cruzamento de vozes e discursos outros que antecedem o mesmo, acentuando-se a fragmentação dos sujeitos, a heterogeneidade constitutiva dos discursos. Conforme ressalta Veyne (2008), tudo é histórico. E a densidade histórica é apanhada pelos discursos; na articulação entre discurso e história.

A história tradicional, organizada em narrativas sequenciais de acontecimentos hierarquizados, concebia os indivíduos como atores pouco conscientes em uma totalidade. A consciência de si era intermediada pela narração histórica. Essa concepção é repensada por Foucault, que vê as mudanças históricas como processo atravessado pela dispersão e descontinuidade, em que todos os sujeitos estão envolvidos. O cotidiano e a história são vistos diferentemente da proposta tradicional, portanto. Interessa agora a descontinuidade, ou seja, a quebra com a história tradicional, com a relação de causa e efeito. (FOUCAULT, 2000).

O discurso, espaço linguístico e sociohistórico, é também lugar de manifestação da memória e construção de identidades.

3 “QUILOMBO” E “QUILOMBOLA” E SEUS EFEITOS DE SENTIDO NA CONTEMPORANEIDADE

A delimitação e constituição da identidade quilombola é performada por uma série de práticas institucionalizadas. Em Foucault, a instituição é o lugar de base que precede e, ao mesmo tempo, determina o discurso. É a instituição que torna os começos dos discursos solenes, cerca os de um círculo de atenção e de silêncio e lhes impõe,

como para os assinalar de mais longe, formas ritualizadas. As práticas discursivas dos lexicógrafos, por exemplo, organizam os saberes no dicionário.

O dicionário, numa perspectiva discursiva, é considerado um “objeto discursivo”, o que significa dizer que ele “é produzido em práticas reais em determinadas conjunturas sociais”, ou seja, ele é produzido sob “certas condições sociais dos discursos”. (NUNES, 2010, p. 25). Nunes acrescenta a essa discussão as posições do sujeito. Destaca que as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias (entendidas aqui como as *posições do sujeito* em Foucault) em que eles se encontram. As palavras resultariam de relações sociais e históricas, relações complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias.

O dicionário é visto, comumente, como um discurso sobre a língua. De forma sucinta, ele é tomado como um discurso sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas.

Tomando o dicionário em sua perspectiva discursiva, analisamos o lugar institucional ocupado pelo sujeito lexicógrafo, a fim de observar se os efeitos de sentido produzidos à *quilombo* e *quilombola* sofrem ou não movências no campo discursivo, na contemporaneidade. Os dicionários selecionados nesta pesquisa, conforme já mencionado, são: Ferreira (2001), Cunha (2007), Houaiss e Vilar (2001). Para efeito metodológico, apresentamos os conceitos na forma de tabela:

	FERREIRA	CUNHA	HOUAISS; VILAR
--	-----------------	--------------	-----------------------

Quilombo	SM. Bras. Refúgio de escravos fugidos. (FERREIRA, 2001, p. 575)	SM. Valhacouto de escravos fugidos XVI. do quimb. Kilombo “povoação”. (CUNHA, 2007, p. 478)	sm (sXVI cf ms) 1 Hist. B acampamento fortificado dos jogos, design. atribuída aos povos que invadiram o Congo e a Angola em fins do séc. XVI. 2 Hist. B local escondido, ger. no mato, onde se abrigavam escravos fugidos 3 Hist. B povoações fortificadas de negros fugidos do cativo, dotada de divisões e organizações interna, (onde tb. se açoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados) – cf. mocambo 4 DNÇ ETNMUS. AL. Auto típico do natal alagoano no qual negros e índios ou caboclos dançam vestidos em trajes que lembram os do reisado, do auto dos guerreiros etc. cf. tore. ETIM. Quimb. Kilombo “união; cabana, acampamento, arraial, povoação, capital, exército: Nei Lopes cit. Adriano Parreira em Apart; “o voc. Kilombo (nos sécs. XV-XVII) tem uma dupla conotação: uma, toponímica e
			outra, ideológica. Eram assim designados os arraiais militares mais ou menos permanentes, e também feiras e mercados de Kapansi, de Mpunga, de Ndongo, da Matanba e do Kongo. (HOUAISS; VILAR, 2001, p. 1137)
Quilombola	Termo não encontrado em FERREIRA (2001).	SM. Designação comum aos escravos refugiados em quilombos 1855. Parece tratar-se de cruzamento de quilombo com CANHEMBORA. (CUNHA, 2007, p. 478)	sm. (1855, cl AGC) O escravo fugido para o quilombo CF mocambo ETMORG. Controv. Segundo Nascentes, do cruzamento de canhambora, termo de origem tupi, com o quimb. quilombo. Segundo Oscar Ribas (1989) cruzamento do mesmo quilombo com o tb quimb. Kuambola, surripiar, levar às ocultas. SINWAR calhambola, calhambora, canhambola, canhambora, canhambora. (HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles, 2001, p. 1137)

Tab. I: Efeitos discursivos produzidos a quilombo e quilombola em dicionários.

Fonte: Elaborado pelos autores

Os sentidos de *quilombo* e *quilombola* apresentados filiam-se a um passado longínquo de fugas dos negros cativos das fazendas dos seus senhores para áreas onde se formavam povoações rurais de negros aquilombados. O sujeito lexicólogo fala de um lugar institucional que tem o dever de legitimar essa memória. É um sujeito que se põe no lugar de fala do pesquisador e possui autoridade para criar efeitos de sentidos que a instituem, ou seja, sua fala veicula-se a um discurso acadêmico, institucionalizando a verdade de uma época.

Para Nunes (2010), o sujeito lexicógrafo estabelece uma relação muito peculiar com as palavras, selecionando-as e produzindo um discurso sobre elas. Na elaboração de um dicionário português-tupi, nas circunstâncias de colonização do Brasil, por exemplo, um missionário ocupa uma posição de sujeito religioso. Essa posição determina os sentidos das palavras selecionadas e definidas, bem como o direcionamento geral dessa prática, que foi voltada, sobretudo, para a catequese dos índios. Nunes explica que os lexicógrafos dessa Época incluíam em seus dicionários palavras religiosas inexistentes na língua indígena, tais como “pecado”, “Deus” e atribuíam sentidos religiosos aos fatos e palavras descritos. Há, nesse sentido, uma subversão aos princípios da fé indígena. O dicionário inaugura uma discursividade de certo e errado ao fundar uma ideia de pecado.

Assim, a elaboração de um dicionário proporciona, além do conhecimento específico de uma ou mais línguas, o contato com uma sociedade ou uma cultura desconhecida, a produção de uma identidade nacional, regional ou de grupo social, o conhecimento dos conceitos utilizados em certas áreas das ciências. (NUNES, 2010)

Nos dicionários por nós analisados há uma produção discursiva que constrói sentidos sobre a identidade de um grupo social: os quilombolas.

Quilombo, em Ferreira (2001), é “o lugar de refúgio do escravo fugido”, o que nos leva a concluir que esse lugar não existe mais nos dias de hoje, já que não há, em tese, escravidão e nem fugas de negros escravizados. É dessa mesma forma que esse termo é definido em Cunha (2007) e em Houaiss e Vilar (2001), sendo que aparecem definições mais amplas, entre as quais a de mocambo.

Em Houaiss e Vilar aparecem ainda conceitos como: “povos que invadiram o Congo e a Angola em fins do séc. XVI”; “local escondido no mato, onde se abrigavam escravos fugidos” e “povoações fortificadas de negros fugidos do cativeiro, dotada de

divisões e organizações interna”. Assim, a fuga é a máxima para identificar esses povos, nas definições de dicionários.

O termo quilombola não é mencionado em Ferreira (2001). Em Cunha (2007), aparece como “designação comum aos escravos refugiados em quilombos”, e em Houaiss e Vilar (2001) aparece de forma análoga, havendo aí uma delimitação temporal, comprovando que nessas definições os sujeitos remanescentes dessas comunidades não seriam considerados quilombolas, já que nasceram nessas áreas, e não fugiram para elas.

O dicionário é comumente associado a lugar de “interdito da dúvida”. E essa imagem que construímos dele faz com que estabeleçamos uma relação direta entre as palavras e as coisas, o que não ocorre na vida de um sujeito falante da língua. Não há como identificar a origem pontual do sentido, bem como sua essência constituinte. E mesmo que fosse possível, não haveria como vislumbrá-las, devido não apenas à opacidade da linguagem, quanto ao olhar do sujeito observador, que é constitutivamente e ideologicamente oblíquo tendo em vista a ideologia.

Entendemos que o sujeito lexicógrafo satisfaz as exigências do *lugar institucional* e da *posição sujeito*, a partir de uma ideologia que fala pela ciência linguística e que produz saberes, e por isso mesmo está apto a entrar na ordem do discurso, a falar sobre o sentido de *quilombo* e *quilombola*; mesmo porque fala de um lugar legitimado. Sua fala situa-se numa memória institucionalizada (SOUZA, 2003).

Conforme nos lembra Foucault (1996, p 32), “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” e complementa que “os discursos [...] não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis pré-estabelecidos.”

As reflexões aqui apresentadas evidenciam uma regularidade no conceito de *quilombo* e *quilombola*, possibilitando que os conceitos dicionarizados reflitam a fala do sujeito lexicógrafo. Tais conceitos presentes nos enunciados “refúgio de pessoas fugitivas” e “aquele que se refugia no quilombo” produzem um saber que se cristalizou em nossa sociedade como verdadeiro, transmitindo uma ideia estabilizada de uma identidade quilombola pronta e acabada e expressa uma vontade de verdade carregada de desejos, poderes e interdições (FOUCAULT, 2007).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A fim de compreender o modo como a identidade quilombola se desenhou nas formações discursivas de lexicógrafos, no campo da Linguística, ancoramos nossas análises em um questionamento foucaultiano sobre o *status* dos sujeitos – lexicógrafos – cujas vozes são autorizadas a falar, que enunciam – sobre quilombo e identidade quilombola – de lugares institucionais – o lugar da Ciência Linguística – de onde obtêm esses discursos.

Quando se trata de definir signos linguísticos, há a ingerência de poderes que irão oficializar os sentidos. O signo linguístico é ideológico e os sentidos são produzidos por sujeitos sociais a partir de determinados lugares institucionais. Quilombo, de modo geral, é discursivizado como “refúgio de pessoas fugitivas”. No entanto, nem todas as comunidades foram assim formadas. O quilombo, se assim pensado, seria um fenômeno não existente hoje, já que a escravidão é legalmente proibida.

Na contemporaneidade, tais conceitos não se enquadram, pois estabelecem sentidos de um discurso que não se mantém o mesmo, considerando as mudanças históricas. Os conceitos apontados nos dicionários aqui analisados apontam, hoje, para debates profícuos que se filiam ao campo da História (ARRUTI, 2003; FIABANI, 2007), ao campo da Lei (CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 1988), mas esse é um debate para uma outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício P. A. O quilombo conceitual: para uma sociologia do artigo 68 do ADCT. In: _____. (Org.) **Texto para discussão: Projeto Egbé – Territórios negros** (KOINONIA), 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Lexikon Editora Digital, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI Escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2007.

_____. Cleudemar A.; SANTOS, João B. C. (Orgs.). **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. São Paulo: EntreMeios, 2004.

FIABANI; Adelmir. **O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções**. São Leopoldo/RS: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História da

Associação Nacional de História (ANPUH), 2007. Disponível em:
<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelmir%20Fiabani.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. Outros espaços. In: MOTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault e a Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3, p. 411-422.

_____. Nascimento da medicina social. In: _____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

NUNES, José Horta. **Dicionários: história, leitura e produção**. In <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1981/1305>. <Acesso em 19 de junho de 2013>

VEYNE, Paul. **Foucault, sa pensée, sa personne**. Paris: Albin Michel, 2008

O LUGAR DO SUJEITO NA PRODUÇÃO DE IDENTIDADES QUILOMBOLAS

ABSTRACT: In order to discuss discursive formation, Michael Foucault (1986) presents some elements that are on the base of their constitution: the object formation, the location of the subject and the place occupied by the institutional subject speech. In this paper, we discuss the role of the lexicographer subject and institutional place he occupies - Linguistics - the production of the concept of quilombo and quilombola in contemporaneity and them as objects.

Key words: Discourse, Subject, Identity.